

**OS ESTABILIZADORES DA MEMÓRIA NA RECONSTITUIÇÃO DA
IDENTIDADE DA CIVILIZAÇÃO JUDAICO-CRISTÃ: UMA
INTERPRETAÇÃO DE SAUDADES DA PÁTRIA E [SUPER
FLUMINA...]**

Nágela Neves da Costa¹
Clarice Zamonaro Cortez²

RESUMO: O presente artigo objetiva investigar os estabilizadores da memória, forças que regem o processo da recordação e que emprestam confiabilidade às memórias do sujeito. As ideias de Aleida Assmann sobre os estabilizadores, publicadas em *Os espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*, será o nosso principal apoio teórico. Valendo-nos desses pressupostos, propomos a leitura do Salmo 137, *Saudades da Pátria e [Super Flumina...]*, de Luís Vaz de Camões, em busca de vestígios da identidade da civilização judaico-cristã, os quais são reconstituídos pela memória do sujeito lírico na composição poética camoniana, considerando que Sião e Babilônia são dois símbolos fundamentais na reconstrução das memórias do sujeito lírico. O afeto, reavivado pelas saudades da terra natal e do tempo passado, bem como o trauma, vivenciado no tempo presente, estabilizam as memórias do “eu” que, descritas poeticamente, são realçadas por um tom narrativo, marcando a sutileza da linguagem camoniana.

Palavras-chave: Memória; Identidade; Babel e Sião.

**THE STABILIZERS OF THE MEMORY ON THE RECONSTITUTION
OF THE IDENTITY OF THE JUDEO-CHRISTIAN CIVILIZATION: AN
INTERPRETATION OF SAUDADES DA PÁTRIA AND [SUPER
FLUMINA...]**

ABSTRACT: This article aims to investigate the stabilizers of memory, forces governing the recall process and who lend reliability to the memories of the subject. Aleida Assmann's ideas about stabilizers, published in *The spaces of Remembrance: forms and transformations of cultural memory*, will be our main theoretical support. The reading of Psalm 137, *Saudades da Pátria* and [Super Flumina...] of Luís Vaz de Camões, in search of evidence of the identity of the Jude-Christian civilization, which are reconstituted by the memory of the lyric subject in Camões poetic composition, whereas Zion and Babylon are two fundamental symbols on reconstruction of memories of the lyric subject. The affection, revived by the Psalm and the past tense, as well as the trauma experienced in the present tense, stabilize the memories of the "I" that described poetically, are highlighted by a narrative tone, marking the subtlety of the Camões poetic language.

Keywords: Memory; Identity; Babylon and Zion.

¹ Mestranda em Letras pelo programa de pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá. Área Literatura.

² Doutora em Letras-Literatura Portuguesa, pela UNESP, campus de Assis, desde 1999. Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras (Mestrado e Doutorado) da Universidade Estadual de Maringá/Paraná, Brasil.

Introdução

Quando nos deparamos com um texto memorialístico, geralmente, colocamos em questão a crítica sobre a credibilidade das recordações. No momento da leitura, ocorre a dúvida sobre a veracidade dos fatos expostos pelo narrador ou pelo sujeito lírico, que reconstitui seu passado pelas recordações. Neste artigo, serão estudados os estabilizadores da memória, considerando-os como forças que regem o processo da recordação e que conferem confiabilidade às memórias do sujeito. Os pressupostos teóricos de Aleida Assmann, em *Os espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*, serão a base de nossa leitura do texto bíblico *Saudades da Pátria* (Salmo 137) e [*Super Flumina...*] ou *Babel e Sião*, escrito em 1598, por Luís de Camões, buscando vestígios da identidade da civilização judaico-cristã reconstituídos pela memória do sujeito lírico. Metodologicamente, apresentamos uma breve discussão teórica, aplicada, posteriormente, na leitura interpretativa dos textos acima referidos.

1. Os estabilizadores da memória

Segundo Aleida Assmann (2011, p. 267), as recordações encontram-se “entre as coisas mais voláteis que há”. Por esse motivo, o ser humano ao longo dos anos desenvolveu estabilizadores materiais, como a mnemotécnica e a escrita, mecanismos, em parte, externos à memória e estabilizadores psíquicos, internos à memória, cuja tendência é a oposição ao esquecimento, de acordo com Assmann (2011, p. 267), “[...] que tornam determinadas recordações mais inesquecíveis do que as que prontamente nos escapa”, identificados como afeto, símbolo e trauma.

Historicamente, Rousseau estabeleceu um parâmetro para a credibilidade das recordações e concluiu a impossibilidade de “reconstruir situações passadas com precisão e, portanto, refutou desde o início uma pretensão de verdade objetiva para suas recordações”. Todavia, considerou válida a pretensão de verdade ao afeto, considerado um importante estabilizador de recordações que pode ser controlado pelo indivíduo, “posso deixar lacunas nos fatos, eles se movem, posso atrapalhar-me com as datas, mas não posso me enganar sobre o que senti” (ROUSSEAU, *Confessions*, VI, p. 274, *apud*, ASSMANN, 2011, pp. 270-271). Sobre essa ideia de Rousseau, Jean Starobinsk (1988, p. 294) complementa:

O sentimento é o centro indestrutível da memória [...] A verdade que Rousseau quer compartilhar conosco não diz respeito à localização exata de fatos biográficos, mas localiza a relação que ele mantém com o passado. [...] Isso

representa uma verdade mais ampla, que foge, de fato, das leis da verificação. Não nos encontramos mais no campo da verdade, das histórias verdadeiras; entramos, sim, no campo da autenticidade.

Essa autenticidade é retomada pela autora, ao afirmar que o afeto é um dos “vigias” da recordação e do esquecimento, pois determina “quais recordações ficam disponíveis ao indivíduo em um momento presente e quais se mantêm inacessíveis” (ASSMANN, 2011, p. 284).

Do mesmo modo, é válida a distinção estabelecida por Seixas (2004, pp. 45-46) entre “memória voluntária” e “memória involuntária”, com base nas ideias de Bergson e Proust. A primeira se configura como “uma memória menor, essencial à vida, porém corriqueira e superficial, atada ao hábito, à “vida prática” e à repetição passiva e mecânica”. A memória involuntária, por sua vez, é espontânea, “feita de imagens que aparecem e desaparecem independente da nossa vontade”. O autor a considera a verdadeira memória revelada por lampejos bruscos e carregada de afetividade. Portanto, explica Seixas (2004, p. 47), “ainda que a integridade do passado esteja irremediavelmente perdida, aquilo que retorna vem *inteiro*, íntegro [...] com suas tonalidades emocionais e ‘charme’ afetivo”. Esses argumentos assemelham-se à ideia de Rousseau sobre a função do afeto na constituição das recordações. Entendemos que o afeto é, sem dúvida, um importante “instrumento” para a construção da memória involuntária, classificada como verdadeira e confiável.

Diferentemente do afeto, encontramos no símbolo outro estabilizador da memória. Aleida Assmann (2011, p. 275) elucida que a recordação adquire a força de símbolo “pelo trabalho interpretativo retrospectivo, em face da própria história de vida situada no contexto de uma configuração de sentido particular”. Nesse sentido, uma recordação elevada ao símbolo dá-se pelo significado a ele atribuído. Vale esclarecer que, como aponta Assmann, apesar do símbolo não se identificar com a verdade histórica como o afeto, não pode ser considerado como ficção e mentira.

O trauma é outro importante estabilizador da memória, de acordo com Assmann, porque “estabiliza uma experiência que não está acessível à consciência e se firma nas sombras dessa consciência como presença latente”. Essa presença do trauma impede que a experiência vivenciada pelo sujeito seja efetivamente narrável, descrita. Por outro lado, o trauma necessita das palavras, “[...] as palavras de recordação e narração, mas de evocação” (ASSMANN, 2011, p. 277). Para ilustrar esse conceito, a autora, discorre sobre a experiência de uma menina de 12

anos que experimenta o uso das palavras e dos versos para expressar a cenas traumáticas que presenciou em Auschwitz.

As palavras usadas para descrevê-la são tão usuais quanto outras, ou seja, elas a encobrem com um véu de generalização e trivialidade. Elas renunciam à acuidade, elas não corroem como aquela recordação que não cessa de doer. Palavras não podem representar essa ferida memorativa do corpo. Ante o trauma, a linguagem comporta-se de forma ambivalente. Há a palavra mágica, estética, terapêutica, que é efetiva e vital porque bane o terror, e há a palavra pálida, generalizadora e trivial, que é a casca oca do terror. (ASSMANN, 2011, p. 278).

Narrar ou descrever um fato traumático por meio da linguagem denotativa para quem o vivenciou é uma experiência quase impossível, o que justifica recorrer à linguagem conotativa e aos recursos estilísticos que a poesia oferece.

2. Poesia e memória: as lembranças de Sião

Luís de Camões cultivou os chamados três gêneros maiores: o épico, o lírico e o dramático. Como poeta épico legou-nos *Os Lusíadas*; as três peças *Anfitriões*, *El-Rei*, *Seleuco e Filodemo* compôs como dramaturgo, e como poeta lírico, numerosas composições escritas em medida velha, cantigas, redondilhas, vilancetes e no doce estilo novo, a medida nova, os sonetos, odes, elegias, canções, écloas, entre outras formas clássicas, reunidas, mais tarde, nas *Rimas* ou *Ritmas*. O projeto literário de Camões, de modo geral, ocupou-se em exprimir o seu mundo interior, emoções, alegrias, tristezas e suas preocupações com a vida e o mundo.

No texto selecionado, [*Super Flumina...*], estão presentes o “fingimento” e a verossimilhança, como expressão metafórica do “eu”. Camões é considerado o maior poeta português e sua produção poética lírica sintetiza as propriedades acima descritas, além de seguir as grandes correntes literárias e as linhas de força do seu tempo, tais como o petrarquismo, o neoplatonismo, a influência clássica de Virgílio, Horácio, Ovídio, entre outros. Sua produção lírica é uma verdadeira síntese dos estilos antigo e novo, tanto nos temas quanto nas formas, constituindo-se um dos momentos mais altos na evolução da lírica portuguesa.

De vasta cultura e de um talento raro, soube completar com sua experiência de vida, seus amores, ilusões e desenganos, as frustrações, o cansaço e as recordações, além da observação da natureza e da realidade da vida. Refletiu sobre os grandes problemas da humanidade de maneira inquieta, interrogando o tempo, a mudança, a vida e o Destino, sofrendo a ingratidão dos homens e os desconcertos do mundo que atingem o pessimismo numa autêntica afirmação humana (CABRAL, 1994, p. 18).

A composição lírica [*Super Flumina...*] ou *Babel e Sião*, como registram algumas antologias, publicado nas *Rimas*, texto estabelecido e prefaciado por Álvaro Júlio da Costa Pimpão (1994), é composta por 365 versos em redondilha maior, distribuído por setenta e três quintilhas, com rimas cruzadas, emparelhadas e interpoladas. O texto traz essencialmente a temática das recordações, sendo que a palavra “memória” foi encontrada três vezes, e “lembrança”, cinco vezes, ambas aliadas ao tema do amor, da saudade e da mudança. O lirismo se desenvolve a partir do texto do salmista Davi ao profeta Jeremias, salmo único que se pode datar com exatidão no período de exílio dos judeus na Babilônia, durante a conquista de Jerusalém por Nabucodonosor (586 a. C), que terminou com o édito de Ciro, de 538 a. C., permitindo o regresso dos judeus à sua pátria. O texto:

1. Junto aos rios da Babilônia nos assentamos e choramos, lembrando-nos de Sião.
 2. Nos salgueiros, que há no meio dela, penduramos as nossas harpas;
 3. Porquanto aqueles que nos levaram cativos nos pediam uma canção; e os que nos destruíram, que os alegrássemos, dizendo: cante-nos um dos cânticos de Sião!
 4. Mas como entoaremos o cântico do Senhor em terra estranha?
 5. Se eu me esquecer de ti, ó Jerusalém, esqueça-se a minha destra da sua destreza.
 6. Apegue-se-me a língua ao paladar se me não lembrar de ti, se não preferir Jerusalém à minha maior glória.
 7. Lembra-te, Senhor, dos filhos de Edom no dia de Jerusalém, porque diziam: Arrasai-a, arrasai-a até aos seus alicerces.
 8. Ah! Filha da Babilônia, que vais ser assolada! Feliz aquele que te retribuir consoante nos fizeste a nós!
 9. Feliz aquele que pegar em teus filhos e der com eles nas pedras.
- (Bíblia Sagrada, 1969, pp. 678-679).

O salmista desenvolve o tema da memória, a partir da simbologia das palavras “Babel” e “Sião”, símbolos das recordações positivas do salmista, representando as memórias da pátria e a religiosidade do povo judeu. A Babilônia significa as recordações negativas, os traumas do cativo, que levam aos clamores da intervenção divina, no verso 7, “Lembra-te, Senhor, dos filhos de Edom no dia de Jerusalém, porque diziam: Arrasai-a, Arrasai-a até aos seus alicerces”. Nos versos, observamos a evocação de uma lembrança traumática, o dia em que Jerusalém foi tomada e seus altares foram destruídos pelos edomitas e o povo foi conduzido ao cativo. Reportando-nos à discussão sobre o trauma, na sessão anterior, compreendemos a dificuldade do autor para narrar esses fatos, por isso a breve evocação, conforme sustenta Seligmann-Silva:

A experiência traumática é, para Freud, aquela que não pode ser totalmente assimilada enquanto ocorre. Os exemplos de eventos traumáticos são batalhas e acidentes: o testemunho seria a narração não tanto desses fatos violentos, mas da resistência à compreensão dos mesmos. A linguagem tenta cercar e dar limites àquilo que não foi submetido a uma forma no ato da sua recepção. Daí Freud destacar a repetição constante, alucinatória, por parte do “traumatizado” da cena violenta: a história do trauma é a história de um choque violento, mas também de um desencontro com o real (em grego, vale lembrar, “trauma” significa ferida). A incapacidade de simbolizar o choque – o acaso que surge com a face da morte e do inimaginável – determina a repetição e a constante “posterioridade”, ou seja, a volta *après-coup* da cena. (SELIGMANN-SILVA, 2003, pp. 48-49).

Na perspectiva de Freud, podemos identificar essa repetição, “*après-coup*”, quando novamente o salmista evoca o trauma, no verso 8, “[...] consoante nos fizeste a nós!”. O trauma atua, assim, como um estabilizador das recordações, levando à rememoração contínua dos fatos.

Uma segunda leitura pode ser feita, a partir dos primeiros versículos do salmo 137, as recordações se referem à memória coletiva de um povo e não somente às do salmista, configurando-se pelo emprego dos verbos na primeira pessoa do plural, desde o primeiro verso, “Junto aos rios da Babilônia **nos assentamos e choramos**, lembrando-**nos** de Sião. / Nos salgueiros, que há no meio dela, **penduramos as nossas harpas**” (grifo nosso). Provavelmente, as memórias relatadas no salmo não foram vivenciadas pelo seu autor, contudo, como sujeito social, as memórias foram construídas a partir da relação com o meio e a comunidade, tal como afirma Goody (1997, *apud*, LE GOFF, 2013, p. 391) “a acumulação de elemento na memória faz parte da vida cotidiana”.

É válido apontar ainda que, na leitura completa do texto, a canção é outro símbolo de recordação, claramente identificado. Esse símbolo representa um aspecto da identidade cultural judaico-cristã, que se constitui no hábito de entoar hinos de adoração, como os “cânticos de Sião” e “o cântico do Senhor”, entoados em festividades. Exemplo disso, em outras narrativas bíblicas, após atravessar o mar vermelho em segurança, Moisés e os israelitas entoaram cânticos de gratidão (Êxodo, 15:1-19), ou quando vencia uma de suas batalhas, o rei Davi cantava e dançava em meio ao povo (2 Samuel 6:16). Porém, estando eles cativos não se motivaram para o louvor, ao revelarem no versículo 2: “penduramos as nossas harpas”. O canto torna-se, deste modo, símbolo de resistência, conforme o verso 4, “Mas como entoaremos o cântico do Senhor em terra estranha?”.

Outro aspecto que nos chama atenção no texto encontra-se nos últimos versículos do salmo (vv.8 e 9): “Ah! Filha da Babilônia, que vais ser assolada! Feliz aquele que te retribuir consoante nos fizeste a nós! / Feliz aquele que pegar em teus filhos e der com eles nas pedras!”.

Nesses versos, são identificados o desejo de vingança e o ressentimento, assim definidos por Ansart, numa perspectiva (histórica) nietzschiana:

[...] o resultado longínquo de um conflito, de uma ação conduzida, no início de nossa era, pela religião judaico-cristã contra os guerreiros aristocratas, que possuíam os privilégios de poder exprimir livremente e realizar sua vontade de poder no exercício de sua dominação (2004, p. 16).

Os anseios de ódio, inveja, ciúme assassino e o desejo de vingança são responsáveis pelo ressentimento. Tanto no Salmo 137 quanto no texto poético camoniano o desejo de vingança está presente. No salmo, versículo 7, “... lembrai-vos de castigar / os ruins filhos de Edom”, o ressentimento é, também, marcado pela mágoa, um sentimento distinto.

Na leitura de [*Super Flumina...*] distinguem-se Babilônia e Sião como dois símbolos fundamentais para a constituição das recordações do sujeito lírico, porém, nem sempre encerram o mesmo significado. Sião é a felicidade passada, revivida por meio das memórias, até o verso 200: “Ali, lembranças contentes / na alma se representaram”, as quais foram, irremediavelmente, perdidas e associadas ao amor de uma mulher. Babilônia é a tristeza atual, o desterro do amor, assemelhando-se ao exílio dos judeus. A partir do verso 201, Sião passa a ser a “terra de glória”, a vida eterna junto de Deus e Babilônia, a vida terrena, o amor profano. A transição do primeiro para o segundo significado acontece por meio da adoção das teses platônicas, a alegoria da caverna e a teoria da Reminiscência. Os “lugares” das memórias se modificam pelo duplo sentido que alcança o vocábulo *Sião*: nos primeiros versos, as memórias do indivíduo referem-se ao mundo sensível:

Sôbolos rios que vão
por Babilônia m’ achei,
onde sentado chorei
as lembranças de Sião
e quando nela passei.
Ali o rio corrente
de meus olhos foi manado,
e tudo bem comparado,
Babilônia ao mal presente,
Sião ao tempo passado.
(CAMÕES, 1994, p. 105)

Do verso 101 ao 265 (165 versos) o eu lírico faz uma análise do passado, transpondo o sensível ao inteligível, que atinge o seu ponto culminante na trigésima sexta quintilha. Os últimos 100 versos, que se contrapõem à primeira parte, constituem a *polinódia*, isto é, um canto

de sentido inverso. O poeta situa-se, neste momento da lírica, no plano inteligível, de acordo com Cabral (1994, p. 51). As memórias deslocam-se, assim, para as reminiscências e Sião passa a significar a “terra de Glória”, não se relacionando mais às memórias de um lugar sensível, mas de um lugar inteligível. Essas recordações que se referem ao mundo inteligível põem em dúvida a credibilidade da memória do sujeito lírico, nos versos “Se eu nunca vi tua essência, / Como me lembra na ausência?”, questões facilmente descartadas pelo leitor, ao seguir a leitura: “Não me lembras na memória, / Se não na reminiscência”, versos que confirmam as memórias da reminiscência da teoria platônica, presentes e verossímeis no texto literário.

As formas verbais na primeira pessoa do singular e o testemunho presencial expresso pela forma pretérito do verbo ver (vir) indicam, inicialmente, que se trata da constituição das memórias individuais do eu lírico. Entretanto, as intertextualidades observadas no texto convergem para uma memória maior, uma memória coletiva. Como afirma Halbwachs (2006, p. 72), “o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente”. Tem-se, assim, o Salmo 137 de Davi ao profeta Jeremias; dois versos do poeta espanhol Juan de Boscán “*Tendré presente à los ojos/ Por quien muero tan contento*”, a alegoria da caverna e a teoria da reminiscência de Platão (*A República*, Livro VII); outros textos de Camões, como os sonetos *Mudam-se os tempos...*, *Cá nesta Babilônia...*; *Na Ribeira do Eufrates assentado* e o Novo Testamento, nas estrofes 64 e 65, que estabelece uma aproximação dos textos das “Bem-aventuranças”:

[...] beato só pode ser
quem com a ajuda celeste
contra ti prevalecer,
e te vier a fazer
o mal que lhe tu fizeste.

[...]

E beato quem tomar
seus pensamentos recentes
e em nascendo os afogar,
por não virem a parar
em vícios graves e urgentes.
(CAMÕES, 1994, p. 113).

Outro aspecto enfatizado na sessão anterior foi o afeto, um mecanismo bastante eficaz de estabilização da memória. Como os símbolos e o trauma, esse estabilizador determina parte

das recordações do sujeito lírico. Em ambos os textos ocorre uma afetividade ligada às memórias de Sião: “Jerusalém à minha maior glória”; “Mas lembranças da afeição/ Que ali cativo me tinha”; “ali vi o maior bem / aqueles gostos passados”. Desse modo, “a memória subverte os acontecimentos, o bem é sempre passado, <<a saudade>> faz nascer o desejo de <<novas alegrias>>: Que me quereis, perpétuas saudades?” (PASCOAL, s/d, p. 33).

Considerações finais

O afeto reavivado pelas saudades da terra natal e do tempo passado, bem como o trauma vivenciado no tempo presente, estabiliza as memórias do “eu” que, descritas poeticamente, são realçadas por um tom narrativo, marcando a sutileza da linguagem camoniana. As redondilhas revelam uma meditação sobre o sentido da existência, desenvolvida no Salmo de Davi ao profeta Jeremias, um lamento dos judeus expulsos de Jerusalém (Sião), sujeitos às agruras do cativo em Babilônia. As palavras Sião e Babilônia são dois símbolos fundamentais para a reconstituição das memórias do sujeito lírico, no texto de Camões.

A leitura de ambos os textos permitiu-nos investigar a construção da memória configurada, essencialmente pelos três estabilizadores já referidos, e a identidade judaico-cristã reconstituída nessas memórias. Desse modo, essa civilização se identifica pelo ressentimento ligado ao ódio, à mágoa e ao forte desejo de vingança, segundo Ansart (2004, p. 17), em uma “verdadeira configuração psíquica e cultural, um *habitus* próprio à civilização judaico-cristã, a sua pretensa *moral* que teria consequências sociais e políticas múltiplas e socialmente decisivas”.

A forte religiosidade construiu o perfil desse povo e o senso patriótico sempre foi a inspiração de louvores e lamentos, resultando na consagrada devoção às suas origens.

REFERÊNCIAS

ANSART, P. História e Memória dos ressentimentos. In: BRESCIANI S. E NAXARA M.(org.). *Memória e (res) sentimento: investigação sobre uma questão sensível*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2004. 2 ed.

ASSMANN, A. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Tradução de Paulo Soethe. São Paulo: Editora da Unicamp, 2011.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida, Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

CABRAL, A. S. *Camões Lírico*. Lisboa: Edições Sebenta, 1994.

CAMÕES, L. de. *Rimas*. Texto estabelecido e prefaciado por Álvaro Júlio da Costa Pimpão. Coimbra: Almedina, 1994.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo, Centauro: 2006.

LE GOFF, J. *História e Memória*. Tradução de Bernardo Leitão [et al.]. São Paulo: Editora da Unicamp, 2013. 7 ed.

PASCOAL, I. Introdução à poesia lírica. In: CAMÕES, L. *Poesia lírica*. Lisboa: Editora Ulisseia, s/d, 2 ed.

SEIXAS, J. A. Percursos da memória em terras de história: problemas atuais. In: BRESCIANI S. E NAXARA M.(org.). *Memória e (res) sentimento: investigação sobre uma questão sensível*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2004. 2 ed.

SELIGMANN-SILVA, M. (org.). *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2003.

STAROBINSKI, J. *Rousseau. Eine Welt von Widerstanden*. [Um mundo de resistências]. Munique, 1998.

Recebido em: 13/07/2018

Aceito em: 08/11/2018